

CORNELIA FUNKE

O CAVALEIRO DO DRAGÃO

Com ilustrações da autora

Tradução
Sérgio Tellaroli



Copyright © 1997 by Cecilie Dressler Verlag GmbH & Co. KG, Hamburgo

*A publicação desta obra recebeu o apoio do Instituto Goethe,
financiado pelo Ministério Alemão das Relações Exteriores.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Drachenreiter

Ilustração da capa

Cornelia Funke

Preparação

Beti Kaphan

Revisão

Ana Luiza Couto

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Funke, Cornelia

O cavaleiro do dragão / texto e ilustrações Cornelia Funke ;
tradução Sérgio Tellaroli. — São Paulo : Companhia das Letras,
2009.

Título original: Drachenreiter.

ISBN 978-85-359-1402-3

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

09-00240

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário



Más notícias, 9
Assembleia na chuva, 14
Conselhos e advertências, 24
A cidade grande e o homenzinho, 28
O rato de navio, 34
O fogo do dragão, 48
À espera da escuridão, 55
Fora da rota, 61
Ur Tig, o Dourado, 73
O espião, 81
A tempestade, 88
Prisioneira, 96
O basilisco, 106
A história do professor Wiesengrund, 116
O segundo relatório de Pernaфина, 129
Sempre para o sul, 140
O corvo, 149
Visita para Barnabás Wiesengrund, 155
A placa, 164
O desfiladeiro do gênio, 173
A decisão de Pernaфина, 181
O desaparecimento da lua, 186
A pedra, 199



A ira de Ur Tig, 205
 No delta do Indo, 212
 Reencontro surpreendente, 215
 O dragão, 226
 No mausoléu do cavaleiro do dragão, 233
 Pernafina, o traidor, 242
 Ur Tig descobre tudo, 251
 A volta do cavaleiro do dragão, 255
 Só mentiras, 262
 Olho no olho, 269
 O rapto, 273
 No ninho do pássaro gigante, 280
 A pista perdida, 287
 Uma velha fogueira, 292
 O mosteiro, 302
 O relatório de Lola, 312
 Um trabalho para Barbacrespa, 316
 Burr-Burr Tchan, 318
 Despedida e partida, 326
 Os perseguidores, 335
 A Borda do Céu, 338
 O Olho da Lua, 346
 A caverna dos dragões, 352
 Não, 362
 Prisioneiro, 364
 O plano, 370
 O espião enganado, 377
 A limpeza, 382
 O fim de Ur Tig, 387
 O pedido do anão, 396
 O despertar do dragão, 404
 E agora?, 409
 De volta, 412
 Boas notícias, 421



Más notícias



Nada se mexia no vale dos dragões. Proveniente do mar, próximo dali, uma névoa pairava entre as montanhas. Pássaros trina-vam timidamente em meio à umidade, e o sol ocultava-se por trás das nuvens.

Uma rata descia a encosta em disparada. Depois de tropicar e rolar pela rocha coberta de musgo, levantou-se a duras penas. — Eu não disse? — esbravejava consigo mesma. — Não disse a eles?

Farejante, ergueu o nariz pontudo, pôs-se a escutar com atenção e correu rumo a um grupo de pinheiros tortos ao pé da montanha mais alta.

— E isso ainda antes do inverno — murmurava ela. — Antes do inverno, eu já tinha farejado a coisa toda. Mas não, não quiseram acreditar em mim. Sentem-se seguros aqui. Seguros! Ora bolas!

Debaixo dos pinheiros, a escuridão era grande, tão grande que mal se via a fenda aberta no flanco da montanha. Como uma garganta, ela engolia a névoa.

— Não sabem de nada — praguejava a rata. — Este é que é o problema: não sabem coisa nenhuma do mundo. Nada. Nada mesmo.

Cautelosa, ela tornou a olhar ao redor. Depois, desapareceu fenda adentro. Escondida ali, havia uma grande caverna. A rata en-

trou correndo, mas não foi longe. Alguma coisa a apanhou pelo rabo e a ergueu no ar.

— Olá, rata! O que faz você por aqui?

A rata mordeu os dedos peludos que a seguravam, mas, a não ser por dois ou três pelos de kobold, não apanhou nada. Furiosa, cuspiu-os fora.

— Sulfrônia! — bufou. — Me larga agora mesmo, sua devoradora de cogumelos, cabeça-de-vento! Não tenho tempo para essas palhaçadas de kobold!

— Não tem tempo? — Sulfrônia depositou a rata sobre a própria pata. Era uma kobold ainda jovem, pequenina como uma criança; tinha a pele malhada e olhos claros de gato. — Como assim, rata? O que você tem de tão importante para fazer? Está precisando da proteção de algum dragão contra os gatos famintos?

— Isso não tem nada a ver com gatos! — sibilou a rata, furiosa. Não gostava de kobolds. Mas os dragões adoravam aquelas caras peludas. Ouviam suas estranhas canções quando não conseguiam dormir. E se estavam tristes, ninguém podia oferecer-lhes melhor consolo do que um bom kobold, descarado e inútil.

— Se você quer saber, trago más notícias, notícias muito ruins — disse a rata com sua voz anasalada. — Que, claro, só vou contar ao Lung. A você é que não, de jeito nenhum.

— Notícias ruins? Ai, meus cogumelos mofados... Que notícias? — perguntou Sulfrônia, coçando a barriga.

— Me ponha no chão! — grunhiu a rata.

— Está bem — suspirou a jovem kobold, pondo a roedora saltitante de volta no chão de rocha. — Mas o Lung ainda está dormindo.

— Pois então eu acordo ele! — rosnou ela, penetrando no interior da caverna. Lá no fundo, um fogo azul expulsava a escuridão e a umidade da barriga da montanha. Atrás das chamas, o dragão dormia. Enrolara-se todo. A cabeça repousava sobre as patas. O rabo longo e serrilhado contornava o calor do fogo. As chamas faziam brilhar as escamas de Lung e lançavam sua sombra na parede

da caverna. A rata disparou na direção do dragão, escalou-lhe as patas e puxava-o agora por uma orelha.

— Lung! — gritava ela. — Lung, acorde! Eles estão chegando!

Meio dormindo, o dragão ergueu a cabeça e abriu os olhos.

— Ah, é você, rata? — murmurou. A voz dele estava um pouco rouca. — O sol já se pôs?

— Não, mas você precisa se levantar assim mesmo. Tem de acordar os outros! — A rata saltou da pata de Lung para o chão, e caminhava inquieta de um lado para outro. — Eu avisei. Mas vocês não quiseram me ouvir.

— Do que ela está falando? — Com uma expressão confusa, o dragão baixou os olhos na direção de Sulfrônia, que, sentada junto do fogo, roía uma raiz.

— Não faça ideia! — respondeu de boca cheia a jovem kobold. — Fica o tempo todo dizendo essas tolices. Numa cabecinha como essa aí, não cabe mesmo muita inteligência.

— Ah, é? — resfolegou a rata, revoltada. — Isso, isso...

— Não dê ouvidos a Sulfrônia, rata! — Lung se levantou, esticou o pescoço comprido e chacoalhou-se todo. — Esse mau humor é porque a névoa úmida molhou os pelos dela.

— Que nada! — retrucou a rata, lançando um olhar de puro veneno na direção de Sulfrônia. — Kobolds vivem de mau humor. Estou de pé desde o nascer do sol, vim correndo avisar vocês e é assim que me agradecem? — A pele cinzenta da rata arrepiou-se de raiva. — Sou obrigada a ouvir as besteiras peludas dessa aí!

— Avisar do quê? — Sulfrônia atirou os restos mastigados de raiz na parede da caverna. — Com mil cogumelos, se você não parar de vez com esse suspense, dou um nó no seu rabo!

— Sulfrônia! — Bravo, Lung sentou a pata no fogo. Faíscas azuis voaram em direção aos pelos dela, extinguindo-se ali como estrelas cadentes.

— Está bem, está bem! — ela resmungou. — Mas essa rata é capaz de deixar qualquer um louco com tanta enrolação!

— Ah, é? Pois então preste atenção. — A rata ergueu-se em

toda a sua altura, afastou as patas, fincou-as no chão e arreganhou os dentes.

— Os humanos estão viiiiindo! — guinchou ela, tão alto e estridente que sua voz ecoou pela caverna. — Os humanos vêm aí! Sabe o que isso significa, sua kobold topetuda, arrancadora de folhas e devoradora de cogumelos? Significa que logo estarão aqui!!!

De repente, fez-se o mais completo silêncio.

Sulfrônia e Lung ficaram como que paralisados. Só a rata ainda tremia de raiva. Os pelos do bigode seguiam tremelicando, e o rabo trepidava para um e outro lado do chão da caverna.

Lung foi o primeiro a se mexer.

— Os humanos? — perguntou, dobrando o pescoço e estendendo a pata na direção da rata. Ainda com cara de ofendida, ela embarcou com passinhos curtos na pata do dragão, que a ergueu até a altura dos olhos. — Tem certeza? — perguntou.

— Certeza absoluta — respondeu ela.

Lung baixou a cabeça. — Tinha de acontecer — sussurrou. — Já estão por toda parte. E serão cada vez mais.

Sulfrônia permanecia sentada, como se a tivessem anestesiado. De repente, ela se levantou e cuspiu no fogo. — Impossível! — exclamou. — Aqui não tem nada que eles queiram. Coisa nenhuma!

— Bah! — A rata inclinou-se de tal forma que quase caiu da pata de Lung. — Não diga besteira! Você mesma já esteve com eles. Não existe nada que os humanos não queiram. Nada que não desejem ter. Já se esqueceu disso, por acaso?

— Está bem, eu sei! — Sulfrônia resmungou. — Você tem razão. São gananciosos. Querem tudo para si.

— Isso mesmo — concordou a rata. — E escutem o que digo: estão chegando aqui.

O fogo do dragão flamejou. Mas as chamas desvaneceram-se, até que a escuridão as engoliu, como um bicho negro. Só havia uma coisa capaz de extinguir com tanta rapidez o fogo de Lung: a tristeza. O dragão soprou de leve o chão de rocha, e as chamas reacenderam-se.

— Essa é mesmo uma novidade muito ruim, rata — disse Lung. Deixando que a passageira saltasse para seu ombro, ele se dirigiu com vagar para a entrada da caverna. — Venha, Sulfrônia — disse ele. — Precisamos acordar os outros.

— É, vão ficar felicíssimos — resmungou ela, alisando os pelos e acompanhando Lung rumo à névoa.

Assembleia na chuva



Barbafina era o dragão mais velho do vale. Tinha vivido mais do que sua memória era capaz de se lembrar. As escamas já não rebrilhavam fazia tempo, mas fogo ele ainda cuspia, e os mais jovens pediam-lhe conselhos quando em dúvida sobre o que fazer. Os dragões espremiavam-se diante da caverna dele, quando Lung foi acordá-lo. Escurecera. A noite pairava negra e sem estrelas sobre o vale, e continuava a chover.

Mal-humorado, o velho dragão olhou para o céu. Os ossos lhe doíam por causa da umidade, e o frio endurecia-lhe as juntas. Respeitosos, os outros recuaram. Barbafina olhou em torno. Não faltava ninguém, mas Sulfrônia era a única kobold presente. Com passos pesados e o rabo arrastando no chão, o velho dragão atravessou a grama molhada em direção a um rochedo que se erguia no vale como a cabeça musguenta de um gigante. Resfolegante, ele subiu pela rocha e, lá de cima, tornou a olhar em volta. Os dragões o contemplavam como crianças assustadas. Alguns eram ainda bem jovens e só conheciam aquele vale; outros o acompanhavam fazia muito, muito tempo, e se lembravam ainda de que o mundo nem sempre pertencera aos humanos. Todos pressentiam a desgraça, esperançosos de que ele fosse capaz de afugentá-la. Mas Barbafina estava velho e cansado.

— Suba aqui, rata — disse ele com voz rouca. — Me conte o que você viu e ouviu.

Ágil, ela subiu pela rocha, escalou o rabo de Barbafina e sentou-se nas costas do velho dragão. O silêncio sob o céu escuro era tão grande que só se ouviam o murmúrio da chuva e o das raposas caçando na noite. A rata pigarreou. — Os humanos estão chegando! — exclamou. — Eles acordaram suas máquinas, deram de comer a elas e vêm vindo para cá. Daqui a dois dias, não mais do que isso, vão abrir caminho pelas montanhas. As fadas podem até detê-los por algum tempo, mas cedo ou tarde vão chegar aqui, porque a meta deles é este vale de vocês.

Os dragões gemeram, ergueram a cabeça e se comprimiram ainda mais em torno da rocha onde estava Barbafina.

Lung mantinha-se à parte. Montada nas costas dele, Sulfrônia mordiscava um cogumelo seco. — Ora, ora, rata... —, resmungou ela. — Será que você não podia ter dado a notícia de um jeito mais simpático?

— O que significa isso? — perguntou um dos dragões. — O que eles querem aqui? Já têm tudo lá onde estão, não têm?

— Os humanos nunca têm tudo que querem — respondeu a rata.

— A gente se esconde até eles irem embora! — propôs outro dragão. — Como sempre fizemos, toda vez que um humano se perde por aqui. Eles são uns cegos, só veem o que querem ver. Vão confundir a gente com as rochas de novo, ou achar que somos árvores mortas.

Mas a rata fez que não com a cabeça.

— Faz tempo que estou avisando! — exclamou ela, estridente. — Falei uma centena de vezes que os humanos estavam planejando alguma coisa. Mas os grandes nunca dão ouvido aos pequenos, não é? — Brava, ela olhava à sua volta. — Vocês se escondem dos homens, não querem saber o que eles estão tramando. Minha espécie não é tão burra. Nós vamos até a casa deles. Ficamos à es-

preita. E é por isso que sabemos o que pretendem com este vale... — A rata, então, tornou a pigarrear e alisou o bigode grisalho.

— Pronto, lá vai ela de novo, fazer um suspensezinho — sussurrou Sulfrônia no ouvido de Lung, que desta vez não lhe deu atenção.

— E o que eles pretendem, então? — Barbafina perguntou, cansado. — Diga logo, rata!

Nervosa, ela retorcia um pelo da barba. Não era nada divertido dar notícia ruim. — Eles... vão inundar o vale — respondeu, hesitante. — Logo isto aqui vai estar cheio de água. As cavernas vão ficar inundadas e, mesmo daquelas árvores altas ali — apontou com a pata para a escuridão —, não vai sobrar nem o topo para fora d'água.

Os dragões contemplaram-na mudos e com olhos fixos.

— Isso é impossível! — protestou um deles por fim. — Ninguém é capaz de fazer uma coisa dessas. Nem mesmo nós, que somos maiores e mais fortes que eles.

— Impossível? — sorriu zombeteira a rata. — Maiores? Mais fortes? Vocês não entendem nada mesmo. Diga a eles, Sulfrônia. Conte para todos como são os humanos. Talvez acreditem em você. — Ofendida, ela ergueu o focinho pontudo.

Os dragões voltaram-se para Lung e Sulfrônia.

— A rata tem razão — confirmou a jovem kobold. — Vocês não fazem ideia — disse, cuspiendo e arrancando dos dentes um pedaço de musgo que ficara preso entre eles. — Os humanos já não andam por aí em armaduras como antigamente, quando caçavam vocês. Mas continuam perigosos. São o que há de mais perigoso neste mundo.

— E desde quando? — retorquiu um dragão grande e gordo, que, desdenhoso, virou as costas para Sulfrônia. — Pois que venham os bípedes. Ratos e kobolds podem até ter medo deles, mas nós somos dragões! O que eles podem fazer contra nós?

— O que podem fazer? — Sulfrônia jogou fora um cogumelo já mordiscado e pôs-se de pé. Agora estava brava, e com kobolds

bravos não se brinca. — Seu cabeça-de-vento, você nunca saiu deste vale, não é? — vociferou ela. — Na certa, deve achar que os humanos dormem deitados em folhas, como você. E pensa que podem tanto quanto os mosquitos, já que não vivem muito mais do que eles. Acha que os humanos não têm mais nada na cabeça além de comer e dormir? Não é bem assim, não. Não, senhor! — Sulfrônia perdeu até o fôlego. — Aquelas coisas que passam pelo céu e que você, sua besta, chama de “pássaros barulhentos” são aviões, máquinas de voar que eles construíram. São capazes de conversar uns com os outros, mesmo quando estão em lugares diferentes. Fazem quadros que falam e se movimentam, vasos de um gelo que nunca derrete, iluminam suas casas à noite como se tivessem capturado o sol... Eles, eles... — Sulfrônia balançava a cabeça — são capazes de coisas maravilhosas, e repugnantes também. Se querem inundar este vale, é o que vão fazer. Vocês precisam ir embora, quer queiram ou não.

Os dragões fitavam-na espantados. Mesmo aquele que, antes, dera as costas a ela. Alguns olhavam para o topo das montanhas, como a esperar para o momento seguinte o avanço das máquinas humanas sobre os cumes negros.

— Maldição! — murmurou Sulfrônia. — Aquele sujeitinho me deixou tão furiosa que joguei fora um cogumelo delicioso. Era um belíssimo de um *Tricholoma atosquamosum*! Um quitute desses é raro a gente encontrar. — Irritada, ela desceu das costas de Lung e começou a vasculhar a grama em volta.

— Vocês ouviram! — disse Barbafina. — Precisamos partir.

Hesitantes, com as patas pesadas de medo, os dragões voltaram-se para ele.

— Para alguns de vocês — prosseguiu o velho dragão —, é a primeira vez. Mas muitos de nós já fugimos várias vezes dos humanos. Agora vai ser bem mais difícil encontrar um lugar que não lhes pertença — disse, chacoalhando a cabeça com tristeza. — A cada lua, me parece, eles ocupam mais e mais lugares.

— É, estão por toda parte — concordou o dragão que acabara

de zombar das palavras de Sulfrônia. — Só não vejo as luzes deles lá embaixo quando voou sobre o mar.

— Então está na hora de finalmente aprendermos a conviver com eles! — exclamou outro.

Mas Barbafina balançou a cabeça. — Não — disse o velho dragão. — Conviver com os humanos é impossível.

— Ah, não, é possível, sim! — A rata alisou os pelos molhados de chuva. — Cães, gatos, camundongos, passarinhos, todos eles conseguem, e até nós, os ratos. Mas vocês — continuou ela, passeando com os olhos por toda a assembleia —, vocês são grandes demais, inteligentes demais, muito... — ela encolheu os ombros — muito diferentes! Poriam medo neles. E quando eles têm medo de alguma coisa...

— Aí — completou Barbafina com sua voz cansada — eles a



destróem. Os humanos já quase acabaram conosco uma vez, há muitos e muitos séculos. — O velho dragão ergueu a cabeça pesada e fitou os mais jovens, um por um. — Eu tinha esperança de que nos deixassem pelo menos este vale aqui. Uma tolice da minha parte.

— Mas para onde vamos agora? — perguntou, desesperado, um dos dragões. — Esta aqui é nossa casa.

Barbafina não respondeu. Em vez disso, ergueu os olhos para o céu noturno, onde as estrelas seguiam escondidas atrás das nuvens, e suspirou. Depois, com voz rouca, disse: — Voltem para a *Borda do Céu*. Essas fugas precisam ter fim. Estou velho demais para a jornada, vou me esconder na minha caverna. Mas vocês, mais jovens, conseguem chegar lá.

Os jovens dragões olharam perplexos para Barbafina. Os de-



mais, no entanto, ergueram a cabeça e, saudosos, contemplaram o Oriente.

— A *Borda do Céu*... — o velho dragão fechou os olhos. — Suas montanhas são tão altas que tocam o céu. Cavernas de pedra-da-lua ocultam-se pelas encostas, e o vale em seu colo é recoberto de flores azuis. Quando vocês eram crianças, contávamos histórias sobre esse lugar. Devem ter pensado que eram histórias da carochinha, mas alguns de nós estivemos lá de verdade. — Ele reabriu os olhos. — Eu nasci lá. Faz tanto tempo que, hoje, uma eternidade me separa das minhas lembranças. Quando parti daquele lugar, atraído pela amplidão do céu, era mais moço que a maioria de vocês. Voei para o Oeste, cada vez para mais longe. Desde então, nunca mais ousei voar em plena luz do dia. Precisei me esconder dos humanos, porque para eles eu era um pássaro do demônio. Tentei voltar, mas nunca consegui encontrar o caminho. — Então, o velho dragão olhou para os mais jovens. — Procurem a *Borda do Céu*! Voltem para a proteção daquelas montanhas e talvez vocês nunca mais tenham de fugir. Os humanos ainda não chegaram aqui — Barbafina acenou com a cabeça para os cumes escuros das montanhas ao redor —, mas é certo que virão. Sinto isso faz muito tempo. Voem! Voem para longe! E logo.

De novo, fez-se grande silêncio. Fina como pó, a chuva caía do céu.

Tiritando de frio, Sulfrônia enfiou a cabeça entre os ombros. — Bom, muito obrigada pela dica — sussurrou ela a Lung. — A *Borda do Céu*, sei... Lindo demais para ser verdade. O velho deve ter sonhado, nada além disso.

Lung não disse nada. Pensativo, ele olhava para cima, na direção de Barbafina. Então, de repente, deu um passo à frente.

— Pssst! — Sulfrônia sibilou, assustada. — O que você vai fazer? Não me faça nenhuma burrada.

Mas Lung não lhe deu atenção. — Você tem razão, Barbafina — disse ele. — Estou farto de me esconder e de só poder circular sobre este vale. — Então, voltando-se para os outros, ele prosse-

guiu: — Vamos procurar a *Borda do Céu*. E vamos hoje mesmo. É lua crescente. Para nós, não há noite melhor.

Os outros dragões recuaram, como se Lung tivesse enlouquecido. Mas Barbafina sorriu, e pela primeira vez naquela noite. — Você ainda é bem jovem — constatou ele.

— Tenho idade suficiente — respondeu Lung, erguendo um pouco mais a cabeça. Não era muito menor do que o velho dragão. A diferença era que seus chifres eram mais curtos e as escamas brilhavam à luz do luar.

— Espere, espere aí, um momentinho! — Depressa, Sulfrônia subiu até o pescoço de Lung. — Mas que idiotice é essa? Você voou no máximo umas dez vezes para fora deste vale. Você, você... — ela estendeu os braços, apontando para as montanhas ao redor — você não tem ideia do que existe atrás disto aí. Não pode simplesmente sair voando pelo mundo dos homens em busca de um lugar que talvez nem exista!

— Quieta, Sulfrônia! — disse Lung, irritado.

— Não, senhor, quieta é que eu não fico! — desafiou a jovem kobold. — Olhe para os outros. Por acaso eles estão com cara de quem pretende sair voando? Não. Portanto, esqueça essa história. Se os humanos chegarem de fato, encontro uma bela caverna nova para nós!

— Escute o que ela diz! — disse um dos dragões, aproximando-se de Lung. — Essa *Borda do Céu* só existe nos sonhos de Barbafina. O mundo é dos humanos. Se a gente se esconde, eles nos deixam em paz. E se aparecerem mesmo por aqui, vamos ter de expulsá-los.

Foi quando a rata caiu na risada, uma risada alta e estridente. — Você já tentou expulsar o mar? — ela perguntou.

Mas o dragão não respondeu. — Venham! — disse ele aos outros. Em seguida, deu meia-volta e retornou para sua caverna no meio da chuva agora torrencial. Todos o seguiram, um após o outro. Até que restaram apenas Lung e o velho dragão. Com dificuldade, Barbafina desceu do rochedo e olhou para Lung. — Eu com-

preendo que eles achem a *Borda do Céu* apenas um sonho — disse. — Tem dias em que até eu penso assim.

Lung balançou a cabeça. — Pois eu vou encontrar esse lugar — retrucou, olhando em torno. — Mesmo que a rata esteja errada, e que os humanos fiquem onde estão, precisamos de um lugar onde a gente não tenha de se esconder. Assim que eu o encontrar, volto para buscar vocês. Parto hoje à noite.

O velho dragão assentiu com a cabeça. — Venha à minha caverna antes de ir embora — pediu. — Vou contar a você tudo de que ainda me lembro. Mas agora preciso sair desta chuva, ou amanhã não vou nem conseguir mexer estes ossos velhos.

Barbafina arrastou-se de volta para sua caverna. Lung ficou na companhia apenas da rata e de Sulfrônia. A jovem kobold sentou-se nas costas dele com uma expressão furiosa no rosto. — Burro! — xingava ela baixinho. — Tinha de bancar o herói... Sair procurando lugar que não existe... Bah!

— O que é que você está resmungando? — perguntou Lung.

Foi a gota d'água. — E quem vai acordar você no crepúsculo? — perguntou Sulfrônia. — Quem vai proteger você dos humanos, cantar para você dormir ou coçar atrás das suas orelhas?

— Pois é, quem será? — aparteu a rata, impertinente. Ela continuava sentada no rochedo que servira de púlpito ao velho dragão.

— Ora, eu, é claro! — ralhou Sulfrônia. — E, com mil cogumelos venenosos, o que mais me resta fazer?

— Não, senhora! — Lung virou-se com tanta rapidez que Sulfrônia quase escorregou de seu dorso molhado de chuva. — Você não pode vir comigo.

— Não posso? E por que não? — perguntou ela, cruzando os braços diante da ofensa.

— Porque é perigoso.

— E daí?

— Mas você detesta voar. Fica enjoada!

— Vou me acostumar.

— E vai ficar com saudade.

— Do quê? Você acha que vou ficar aqui, esperando sentada? Nada feito. Vou junto!

Lung suspirou. — Está bem — murmurou. — Você vem junto. Mas, depois, não me venha reclamar porque levei você comigo.

— Com certeza, é o que ela vai fazer — disse a rata, que, com uma risadinha, pulou da rocha para a grama molhada. — Kobolds só ficam satisfeitos quando têm do que reclamar. Agora, que tal nos juntarmos aos velhos dragões? Se você pretende partir hoje à noite, não tem muito tempo de sobra. Menos ainda para ficar aí, discutindo com essa cabeça-dura devoradora de cogumelos.